

**COLÉGIO PEDRO II**  
**LICENCIATURA INTEGRADA EM FILOSOFIA**

LUIZ EDUARDO VELASCO PENNA

**DESEJO COMO ONTOLOGIA**

Rio de Janeiro

2025

**COLÉGIO PEDRO II LICENCIATURA INTEGRADA EM FILOSOFIA**

LUIZ EDUARDO VELASCO PENNA

**DESEJO COMO ONTOLOGIA**

Trabalho apresentado ao Colégio Pedro II como  
requisito para a obtenção do título de licenciado  
no curso de Filosofia pelo Colégio Pedro II

Orientador: Prof. Dr. Rogier da Silva Viegas

Rio de Janeiro

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),  
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

P412d

Penna, Luiz Eduardo Velasco

Desejo como ontologia / Luiz Eduardo Velasco Penna – Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

29 p.

Orientador: Prof. Dr. Rogier da Silva Viegas .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II, Curso de Licenciatura em Filosofia.

1.Desejo - Filosofia. 2. Anti-édipo. 3. Filosofia. I. Viegas, Rogier da Silva (Orientador). II. Colégio Pedro. III Licenciatura em Filosofia. IV. Título

CDD 150.195


LUIZ EDUARDO VELASCO PENNA

## Desejo como ontologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia pelo Colégio Pedro II.


### BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Rogier da Silva Viegas - Colégio Pedro II (Membro interno)

Documento assinado digitalmente  
 **ROGIER DA SILVA VIEGAS**  
Data: 15/04/2025 14:25:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Juliana Lira Sampaio - Colégio Pedro II (Membro interno)

Documento assinado digitalmente  
 **JULIANA LIRA SAMPAIO**  
Data: 16/04/2025 19:23:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dr. Leandro José Carmelini Fafá Borges (Membro externo)



---

Aprovado em 11 de Abril de 2025

## AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a minha mãe, Cleide Marcia Velasco Penna, porque, sem ela, esse sonho jamais seria possível. A confiança dela em mim me nutriu e me nutri a continuar buscando o que acredito ser melhor para minha vida, além dela me ter dado a vida no sentido biológico, ela me dá a vontade de viver plenamente.

Gostaria de agradecer também a minha companheira Elissa Vieira da Silva por estar sempre ao meu lado, me dando força nos momentos mais difíceis dentro e fora da faculdade, é a pessoa que eu perturbava falando de filosofia exaustivamente, obrigado por me aturar e me ensinar muitas coisas todos os dias.

Agradeço também aos meus parceiros de caminhada Jeremias da Conceição Santos, famoso *Jereco 7*, Eduardo Sant'Anna, Lorrán Alexandre e Rosana Custódio por tornarem essa jornada acadêmica mais leve, sem vocês isso teria sido um fardo.

Agradeço também às minhas professoras Joana Tolentino e Juliana Lira e aos meus professores Germano Prado, Anderson Avelino e Rogier Viegas, que sempre acreditaram e apostaram em mim, me fortaleceram não só epistemicamente mas também com encontros para além dos muros da academia. Todos os dias que eu entrei nesse campus, eu entrava com o sonho de ser pelo menos 10% dos docentes que vocês são.

*“[...] Vocês são a resposta porque tanto Einstein no morro  
morre e não desponta  
Vocês são o meu medo na noite  
Vocês são mentira bem contada  
Vocês são a porra do sistema que vê mãe sofrendo e faz  
virar piada, porra  
Eu vi os menor pegando em arma (oh), pois cês foram  
silenciadores  
Eu vi meu pai chorando o desemprego, desespero  
Pra que isso, mano?  
[...]  
Se pá são a causa da seca e da cerca que nos separa  
Depois nos acusam de tá dividindo demais  
Já se apropriaram de tudo  
Minha mente me diz: Get out, Gustavo, corra  
Você sabe o mal que isso faz  
Pra eles, nota seis é muito  
Pra nós, nota dez ainda é pouco  
Pros meus, qualquer grana é o mundo  
Pros deles, qualquer grana é troco”*

(Djonga - Corra, 2018)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo trazer mais uma perspectiva conceitual de uma possível ontologia, estando ancorado na filosofia produzida pelos encontros, ora do filósofo Gilles Deleuze (1925 - 1995) e o psicanalista Félix Guattari (1930 - 1992), ora por Deleuze em entrevista com a jornalista Claire Parnet. Deleuze e Guattari, com a capacidade de se misturarem, se apropriarem de diversos campos epistemológicos e produzirem filosofias outras, costumam uma “filosofia da diferença”, em que o devir produtivo é o único imperativo essencial.

Durante a produção deste trabalho, aparece, já ao início, a dificuldade que se enfrenta ao se deparar com uma “filosofia da diferença” contendo um sistema conceitual endoconsistente (os conceitos estão interligados e gravitam em torno de um problema), do qual, durante o processo de construção deste texto, esforço-me para evidenciar as definições dos conceitos de máquinas desejanter, corte-fluxo, corpo sem órgãos (CsO), objetos parciais, sínteses passivas e desejo, a fim de apresentar especificamente o conceito de desejo como o Ser que sustenta, segundo esses autores, todas as realidades (não seria melhor falar em “as multiplicidades do real”?).

A partir da obra *O anti-édipo. Capitalismo e esquizofrenia* (Deleuze e Guattari, 2010), se constrói a trilha para a compreensão da realidade explorada neste trabalho, tendo como foco principal a compreensão do conceito de desejo proposto por Deleuze e Guattari. Somente rompendo com a interpretação do conceito de desejo/vontade da tradição filosófica eurocêntrica platônica, schopenhauriana e também com a elaborada pela psicanálise Freud-lacaniana, é que será possível apreender a teoria do desejo como uma ontologia deleuze-guattariana.

Em síntese, o conceito de desejo proposto por Deleuze e Guattari é a força que produz a realidade e a modifica incessantemente sobre um estado de abertura de possibilidades, o corpo sem órgãos (CsO), em que as máquinas desejanter e os objetos parciais se instalam e se agenciam através das sínteses passivas, produzindo assim, uma realidade múltipla.

**Palavras-chave:** Corpo sem órgãos, Desejo, Sínteses passivas, Anti-édipo e Ontologia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. MÁQUINAS DESEJANTES</b>	<b>10</b>
<b>2. CORTE-FLUXO</b>	<b>11</b>
<b>3. CORPO SEM ÓRGÃOS (CsO)</b>	<b>12</b>
<b>4. SÍNTESES PASSIVAS</b>	<b>15</b>
4.1. Síntese conectiva ou produção de produção. (E... e depois...)	17
4.2. Síntese disjuntiva ou produção de registro. (Ou... ou então...)	17
4.3. Síntese disjuntiva inclusiva. (Ou.. ou.. e depois)	19
4.4. Síntese conjuntiva ou produção de consumo	21
<b>5. DESEJO</b>	<b>21</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b>	<b>26</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

Deleuze e Guattari, para apresentar a sua concepção de desejo, se engajam na produção de uma teoria de caráter ontológico, ou seja, concebem o desejo como produtor de realidade. A realidade, para os autores, não consiste em algo único e objetivo, mas o que chamamos de “realidade” é o produto da diversidade e da multiplicidade de realidades em constante transformação. Um exemplo possível: sabe quando você e um amigo vivenciam algum evento juntos mas, quando vão contar para terceiros como foi o tal evento, as histórias são diferentes? Então, isso acontece porque as duas pessoas experienciam realidades diferentes. Isso que chamamos de realidade em sua totalidade, que experienciamos uns com os outros, é um conjunto de realidades diversas, múltiplas. Outro exemplo é: a realidade para pessoas em contextos urbanos é uma, e para pessoas que habitam em comunidades indígenas intraflorestais, é outra. São realidades distintas principalmente no modo de acontecer. A urbana tem códigos e condutas diferentes das vivências de povos indígenas, sendo, assim, duas formas de existências diferentes, duas realidades diferentes, a cosmopercepção<sup>1</sup> de uma vivência não necessariamente vale para a outra.

Há ainda uma dificuldade em decidir o que conceituar primeiro a partir do problema “o que é o desejo?”, pois os conceitos são interdependentes e a definição de um implica os demais. Essa interdependência sistêmica entre os conceitos, Guattari e Deleuze a chamam de “endoconsistência”, que é a conexão dos conceitos entre si e em relação ao plano que os conceitos ocupam, chamado de “plano de imanência”, em resposta a um problema. Assim, para a responder à pergunta “o que é o desejo?”, me deparo com a formulação do conceito de desejo criado por esses autores em conexão com estes outros conceitos: “máquinas desejantes”, “corte-fluxo”, “corpo sem órgãos (CsO)” e “sínteses passivas”, conceitos que estão presentes no Capítulo 1 do livro *O anti-édipo* (Deleuze e Guattari, 2010). Perante essa dificuldade de esclarecimento conceitual, tentarei tornar, na medida do possível, o trabalho o mais compreensível ao leitor.

Desse modo, antes de trazer o conceito de desejo proposto pelos autores, farei diferente, irei apresentar os conceitos referidos anteriormente, realizando assim, um mapa conceitual, para que assim, consigamos ter uma compreensão mais ampla da pesquisa,

---

<sup>1</sup>

A expressão 'world-sense' é traduzida como 'cosmopercepção', pois 'sense' engloba tanto os sentidos físicos quanto a percepção que orienta corpo e pensamento. 'Percepção' abrange aspectos cognitivos e sensoriais.

OYĚWÚMÍ, Oyèrónkè. **VISUALIZANDO O CORPO: TEORIAS OCIDENTAIS E SUJEITOS**

**AFRICANOS.**

Disponível

em:

[https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf). Acessado em: 05/02/2025.

facilitando o entendimento desses conceitos e do problema em questão. Após essas apresentações, trataremos dos modos de acontecer do conceito de desejo deleuze-guattariano, articulando-o, a fim de comparação, de modo breve, a outras compreensões de desejo existentes na história da filosofia, para que assim possamos mostrar a transformação promovida por Deleuze e Guattari na compreensão do conceito de desejo apresentado em *O anti-édipo*. Acredito que dessa forma ficará mais acessível o caminho percorrido para ilustrar aqui parte do conteúdo desta obra.

## 1. MÁQUINAS DESEJANTES

Em *O anti-édipo*, Deleuze e Guattari apresentam o conceito de máquina como equivalente às coisas dispostas na realidade. Assim, são máquinas uma imensa galáxia até a mais ínfima partícula existente. Essas máquinas funcionam a todo tempo, ininterruptamente se ligando ou desligando entre si. Esse tipo de funcionamento, em que duas máquinas se ligam, é a base de funcionamento de todo o real, o que Deleuze e Guattari chamam de agenciamento. Não precisamos aqui decidir de que máquina estamos falando, pode ser de uma máquina de produzir roupas (máquina técnica) ou pode ser do corpo humano (máquina corpo), há sempre conexões, que realizam o transporte de energia e um corte deste fluxo. Para realizar os pontos de costura entre as linhas, uma máquina têxtil recebe um fluxo de linha de tecido e a dobra, recorta, amarra, fazendo assim um corte na cadeia de fluxo anterior, de que irá decorrer uma forma de roupa. Assim também acontece com o corpo humano, que recebe um fluxo de energia em forma de alimento, o sistema digestivo recorta esse fluxo de comida, retém a energia necessária e descarta o resto do que foi ingerido, dando assim uma configuração de energia para o corpo e um resto do alimento processado expelido para fora do corpo. De acordo com Deleuze e Guattari, as máquinas vão produzindo e configurando o real:

Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso. Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a

ela. A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina anal, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (crise de asma). É assim que todos somos *'bricoleurs'*; [...] O presidente Schreber sente algo, produz algo, e é capaz de fazer a teoria disso. Algo se produz: efeitos de máquina e não metáforas. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 11).

Não há metáfora alguma, o processo da existência da realidade, nada mais é do que um processo fabril, ou seja, um processo de produção do real advindo da relação das máquinas tais quais se encontram dispostas. Assim como um motor elétrico acoplado a uma bomba hidráulica são duas máquinas acopladas, uma transferindo e/ou cortando um fluxo de energia cinética para a outra, assim também é o funcionamento de todo o mundo.

As máquinas se diferenciam apenas em sua composição, por exemplo: é óbvio que uma máquina mecânica como um motor é diferente de um coração, contudo, o processo é o mesmo, máquinas funcionando segundo suas possibilidades em uma cadeia produtiva, seja circulação sanguínea, seja circulação de água, seja fogo, seja eletricidade, sejam tantas outras máquinas etc. As máquinas sempre produzem e/ou se reproduzem.

As máquinas desejantes são onde atua o desejo para que se realize uma dada função, de forma não subjetivada, por exemplo: a máquina de ideias, em que o desejo circula entre imagens mentais, pensamentos e novas conexões, possibilitando a produção de ideias inéditas. Outros tipos de máquinas são as máquinas sociais e econômicas (capitalismo), máquinas técnicas (objetos criados através do trabalho humano), máquinas paranóicas (máquinas que estabelecem relações de controle), máquinas de registro (linguagem que organiza e delimita os significantes). Portanto, toda coisa existente é uma máquina desejante na medida que porta o desejo que produz realidade.

## **2. CORTE-FLUXO**

Um fluxo é compreendido como um movimento contínuo e dinâmico de algo que atravessa e conecta as máquinas. Os fluxos podem ser de naturezas distintas como, por exemplo, fluxo material (água, sangue, alimento e matéria em geral), energético (forças vitais, calor, energia elétrica, energia cinética e outros tipos de energia), libidinais (desejo, prazeres, afetos, emoções num geral), significantes (linguagens, ideias, discursos), econômicos (capital, dinheiro, bens materiais, trabalho humano), sociais (relações de poder, hierarquias, códigos).

Uma máquina se define como um sistema de cortes. Não se trata de modo algum do corte considerado como separação da realidade; os cortes operam em dimensões variáveis segundo a característica considerada. [...] Funciona como uma máquina de cortar presunto: os cortes operam extrações sobre o fluxo associativo. Como o ânus e o fluxo de merda que ele corta; a boca e o fluxo de leite, mas também o fluxo de ar e o fluxo sonoro; o pênis e o fluxo de urina, mas também o fluxo de esperma. [...]

Em suma, toda máquina é corte de fluxo em relação àquela com que está conectada, mas ela própria é fluxo ou produção de fluxos em relação àquela que lhe é conectada. É esta a lei da produção de produção. Por isso, no limite das conexões transversais ou transfinitas, o objeto parcial e o fluxo contínuo, o corte e a conexão se confundem num só — em toda parte cortes-fluxos de onde o desejo irrompe, que são a sua produtividade e que sempre implantam o produzir no produto. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 55).

A definição de máquina, nesta obra, é dada através do movimento, uma vez acopladas, elas realizam transferências de fluxos e os cortam, extraíndo assim, a forma efetiva de uma realidade.

Cortar o fluxo nada mais é que configurar o real. Só há corte e máquinas onde há fluxo, por isso “corte-fluxo” se escreve junto, separadas apenas por um hífen. Assim conseguimos compreender que o ânus configura o real de merda, a boca configura o real de comida que vai para o estômago, a garrafa configura o real do líquido presente dentro dela, os valores morais configuram o real das leis, a política configura o real consensuado, a sequência de máquinas acopladas chamadas traqueia, laringe, boca, língua, pulmão, diafragma configuram o fluxo de ar que, cortado, torna-se voz, as máquinas recortam o corpo sem órgãos configurando um plano de imanência.

Sem dúvida, cada máquina-órgão interpreta o mundo inteiro segundo seu próprio fluxo, segundo a energia que flui dela: o olho interpreta tudo em termos de ver — o falar, o ouvir, o cagar, o foder... Mas sempre uma conexão se estabelece com outra máquina, numa transversal em que a primeira corta o fluxo da outra ou ‘vê’ seu fluxo ser cortado pela outra. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 16).

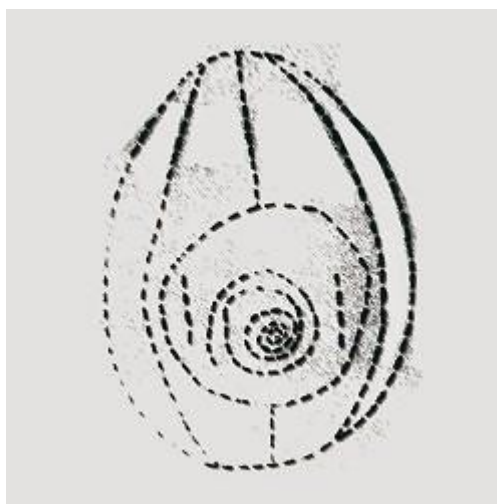
Quando digo plano de imanência, estou querendo expor a ideia de campo onde todas as forças, fluxos e processos da vida se desdobram. Ele não tem um centro, uma hierarquia ou um fundamento interno ou externo.

### **3. CORPO SEM ÓRGÃOS (CsO)**

Quando se fala em corpo sem órgãos, muito facilmente se gera um estranhamento conceitual, pois pensamos logo em um corpo de algum animal sem órgãos e, para nosso

senso comum, tal conceito não faria o menor sentido. Fica-se sempre um “nó” na cabeça com a questão “por que os autores fazem uma apologia a um corpo que não contenha órgãos?”. “Como funcionaria um corpo sem coração, sem rim, sem estômago ou até mesmo sem pele? Seria um absurdo!”. Acontece que, os autores não estão falando de um corpo realmente biológico que funcione sem órgãos, a proposta provocativa de Deleuze e Guattari sobre esse aparente contrassenso, é nos fazer pensar a respeito das organizações sociais, existenciais, epistemológicas, morais, ontológicas, biológicas etc., previamente dadas como essenciais. E, com isso, nos convidam a pensar em uma realidade onde, por essa concepção, não haveria determinações prévias. O modo como existimos hoje foi moldado e, assim que compreendermos isso, ficará o convite para nos desorganizarmos e nos reorganizarmos de outras maneiras.

Um corpo sem órgãos nada mais é que um plano de realidade singular, que pode pertencer a uma só máquina ou ser compartilhados entre duas ou mais máquinas. É um território sem qualquer tipo de determinação, margens, fronteiras ou algo que o delimite através de formas geográficas, biológicas ou arquitetônicas. O CsO se constitui como um estado de potencialidade pura, onde os fluxos de desejo podem se conectar e se transformar livremente, sem ser organizados por estruturas rígidas ou transcendentais, não é uma negação do corpo, mas uma tentativa de desmontar as estruturas que o limitam, abrindo espaço para o devir de novas conexões e experiências.



Ovo Dogon<sup>1</sup>

Esta imagem do “Ovo Dogon” advém da mitologia cosmogônica do povo Dogon, um povo que vive na região do planalto central do Mali, na África Ocidental. Nessa mitologia, o

---

<sup>1</sup> Ovo Dogon, imagem presente na obra *Mil platôs. Vol 3*. DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. *Mil platôs C*. São Paulo: Editora 34, 2022, p. 11.

universo deveio de um ovo cósmico, no qual internamente havia todas as possibilidades possíveis de realidade e, contudo, não definidas até o momento da criação de uma realidade.

Essa figura é usada pelos autores para exemplificar imageticamente um corpo sem órgãos. O que tem dentro do ovo, ninguém sabe, há uma multiplicidade de possibilidades, não havendo previamente como definir o que está por vir de um corpo sem órgãos. Por mais que a imagem seja de um ovo com todas as suas definições, o CsO é apresentado como a possibilidade do vir-a-ser de seu conteúdo. Nesse sentido, o CsO está colado ao ovo sendo algo que não tem definição espacial, geográfica, fronteira, dimensional ou qualquer outra tentativa de definição geolocalizadora, ao mesmo tempo que é algo definido no sentido de sua característica, como um campo de acontecimento dos possíveis, é o plano de possibilidade do devir.

Segundo Deleuze e Guattari, em *Mil platôs C* (2022, p. 25), o CsO está sempre colado ao ovo, por mais que, para entendermos o ovo como organismo, deve-se conceber um CsO anterior ao próprio ovo acima definido. Contudo, este ovo carrega o CsO em si, como uma margem de acontecimento sem previsões ou definições prévias. O CsO, colado ao ovo, é a intensidade 0, sendo, assim, intensidade sem determinação de acontecer, transformar ou devir em algo preestabelecido. A intensidade 0 nos mostra que um valor nulo de intensidade é mais potente, no sentido que possui uma amplitude de possibilidade múltipla, pois se a intensidade fosse algum número diferente de 0, já teríamos aí alguma definição ou uma determinação do que está por vir.

O devir do ovo acontece no CsO, mas sem anulá-lo. O ovo devém em mundo, enquanto o corpo sem órgãos ainda está colado ao mundo como possibilidade de acontecer. Na imagem do ovo, há o desejo como força intensiva e criativa, desenhando o real que está a devir. As linhas que o recortam, que o atravessam, que o delimitam são feitas pela presença do desejo no CsO. Essas linhas são as definições da configuração do real, mas é bom atentar que a palavra “definições” aqui não está posta como algo estático e, sim, como algo que se comporta de uma determinada maneira em um determinado momento, e assim possuindo a possibilidade de ser alterado novamente, de acordo com a atuação desejante sobre essa definição, pois até mesmo as máquinas ali definidas, em outras palavras, as definições do Real, nunca são permanentemente estáticas, por mais que algo esteja definido, há um CsO que está colado a essa definição, impondo a definição uma margem de possibilidade de alterar-se. Nesse sentido, não há definição fechada, encerrada ou acabada, há sempre a possibilidade do devir através da relação da intensidade do desejo sobre esse CsO que está colado à definição.

Certa vez, atravessado pela imagem desse ovo, já há muito tempo tentando entender que diabos era isso, perguntei a uma professora: “que porcaria de ovo é esse? E o que isso tem a ver com o corpo sem órgãos?”. Ela, em sua imensa generosidade, me disse: “eu vi esse ovo esses dias e ele era uma soja. Por exemplo: o molho *shoyu* é extraído da soja, porém, minha companheira me mostrou esses dias uma soja que, dependendo do processo de extração do *shoyu*, essa mesma soja pode produzir até 7 tipos de *shoyus* diferentes. O ovo é a mesma coisa, dependendo de como o desejo atua no ovo, surge uma realidade diferente”. E algo que eu tinha levado anos para compreender, em um instante consegui entender, como a sutileza de uma brisa de mar.

Portanto, o CsO não é um lugar, é um estado de intensidade 0, onde as possibilidades de vir a ser são infinitas.

Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e a laringe, a cabeça e as pernas? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo pleno, Viagem imóvel, Anorexia, Visão cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. (Deleuze e Guattari, 2022, p. 2).

Um corpo organizado, com suas determinações, com cada máquina realizando um processo produtivo único ao qual lhe foi designado, é fixar as máquinas desejantes a uma única possibilidade ou a um campo de possibilidades restrito, é fixar um modo de existir e tentar controlar o devir. O CsO é justamente o contrário, é permitir e imaginar múltiplas potencialidades de atuação no real, explodindo com o entendimento estático de algo só serve para realizar tal tarefa, quebrando com as representações para dar abertura para uma diversidade de apresentações possíveis. Quando, acima, está posto “(...) Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre (...)” (Deleuze e Guattari, 2022, p. 10), essa provocação é um convite não para de fato “respirar pelo ventre”, mas, sim, para refletir se as coisas como estão dadas na realidade são do jeito que são por si sós ou se há uma outra maneira de existir. Um exemplo são as insurreições e revoluções que ocorreram ao longo da história, quando parecia não ser possível viver de outro jeito, o desejo vem, atravessando um grupo de pessoas e irrompe, rasgando a realidade que estava posta e fazendo brotar um novo modo de acontecer. Dessa mesma forma, a filosofia também vive disso: a instauração de novas realidades. Com isso fica a reflexão: nós, como máquinas, que tipo de órgão conseguimos transgredir e abrir a possibilidade para outras conexões com outras máquinas?

#### 4. SÍNTESES PASSIVAS

Até agora foi dito que existem desejo, corpo sem órgãos, máquinas desejantes, objetos parciais e que essas máquinas e objetos parciais realizam o movimento de acoplamento entre si, produzem fluxos-cortes. Contudo, como isso se efetiva na realidade? Como o desejo realiza essas efetuações?

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. (Deleuze e Guattari. 2010, p. 43).

Esquemáticamente, podemos compreender que: desejo é a potência que atua através das sínteses passivas. Sínteses passivas são as condições de possibilidades do agenciamento dos objetos parciais. Agenciamento é o modo de construção ou configuração do real através das máquinas de forma minimamente binária. Objetos parciais são os entes dispostos a combinarem-se ou descombinarem-se, derivados de uma combinação ou descombinação anterior.

Sínteses passivas, como está posto em *O anti-édipo*, ocorrem de três maneiras distintas, sendo uma delas podendo operar em um regime inclusivo ou exclusivo. A primeira é a síntese conectiva chamada também de produção de produção; a segunda é a síntese disjuntiva que pode ocorrer de forma inclusiva ou exclusiva, chamadas também de produção de registro; a terceira síntese é a conjuntiva, também chamada de produção de consumo. Irei apresentá-las mais detalhadamente em breve.

Cada uma possui uma energia desejante que mobiliza a sua atuação produtiva. A síntese conectiva possui a energia *libidinal*, força vital e produtiva, conceito retirado da psicanálise freudiana, todavia não restrita somente à sexualidade, mas aplicada a todos os níveis, sejam eles sociais, psíquicos ou materiais. Sua produção se efetiva na conexão de diferentes fluxos em um campo de possibilidades, criando algo novo.

A síntese disjuntiva possui como energia motriz o *Numen*, energia de desligamento ou diferenciação que organiza de modo quase divino (essencial) as máquinas dispostas na realidade. Essa síntese permite que diferentes elementos coexistam e se articulem na realidade sem perder as suas singularidades. É a base da multiplicidade, onde o desejo opera distinguindo e mantendo as diferenças entre as máquinas.

A síntese conjuntiva tem como energia a *Voluptas*, frequentemente associada ao prazer, entretanto aqui será tratada como consumação dos processos conectivos e disjuntivos. Diferente das outras, ela não conecta ou separa algo, mas resulta do que resta desses processos, criando algo novo a partir do que sobra ou persiste após a efetivação das sínteses anteriores, fazendo desse resto, um ponto de partida para uma nova produção.

Uma vez compreendido que cada síntese possui sua energia de movimento, começarei a apresentar de forma mais detida cada uma dessas sínteses.

#### 4.1. Síntese conectiva ou produção de produção. (E... e depois...)

A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: ‘e’, ‘e depois’... É que há sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo (o seio — boca). E como a primeira, por sua vez, está conectada a uma outra relativamente à qual se comporta como corte ou extração, a série binária é linear em todas as direções. O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta. (...) Todo ‘objeto’ supõe a continuidade de um fluxo, e todo fluxo supõe a fragmentação do objeto. (Deleuze e Guattari. 2010, p.16).

Esta síntese é responsável pelo agenciamento conectivo de produção, ou seja, ela maquina objetos parciais, produzindo outros objetos que não são somente uma adição matemática, como por exemplo boca do bebê mais (+) seio da mãe é igual (=) amamentação. O que chamamos de “amamentação” vai além da simples junção boca e seio respectivamente do bebê e da mãe. O componente formado desse agenciamento é um outro objeto com possibilidades distintas que não estavam contidas nas possibilidades da boca e do seio separadamente. Há um fluxo, tanto material, quanto de sentido nesse agenciamento, trazendo a existência um objeto singular que produz na realidade inédita à boca e aos seios separadamente. Não que nunca tivessem acoplados boca e seio antes, mas esta junção, em específico, é singular, tanto em sua maneira existencial quanto em sua efetividade no real. O agenciamento formado por essa conexão traz a realidade algo singular, tanto para o bebê quanto para a mãe, é a nova máquina “boca-seio” ou “amamentação”. Extrapola-se a análise da definição se for feita apenas através do exame das máquinas pressupostas anteriormente não agenciadas. A amamentação não é nem boca e nem seio, mas sim um ato, “boca-seio”, que faz passar um fluxo que antes não estava ocorrendo e, ao mesmo tempo, efetua um corte extraindo o leite materno, dando forma, quantidade, qualidade etc. O que eram duas

máquinas, agora é uma só que está em uma disposição, na realidade, diferente da disposição anterior.

#### 4.2. Síntese disjuntiva ou produção de registro. (Ou... ou então...)

O corpo pleno da terra comporta distinções: sofredor e perigoso, único, universal, assenta-se sobre a produção, sobre os agentes e as conexões de produção. Mas, também sobre ele, tudo se agarra e se inscreve, tudo é atraído por ele [...]. Ele é o elemento da síntese disjuntiva e da sua reprodução: força pura da filiação ou genealogia, *Numen*. O corpo pleno é o inengendrado, mas a filiação é a primeira característica de inscrição marcada sobre este corpo. E já sabemos o que é esta filiação intensiva, esta disjunção inclusiva na qual tudo se divide, mas em si mesmo, e na qual o mesmo ser está em toda parte, de todos os lados, em todos os níveis, apenas com diferenças de intensidade. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 205).

Como já foi dito, o corpo pleno da Terra, ou se preferimos, o corpo sem órgãos (CsO) da Terra é o território onde não há definições rígidas predeterminadas, não há organizações, nem objetivos, nem metas, é um estado de múltiplas potencialidades intensivas, onde tudo se produz e se reproduz sobre ele. Esse corpo pleno, a partir de sua não determinação de produção, opera fornecendo, assim, uma amplitude de possibilidades produtivas que se diferenciam pelo nível de intensidade desejante em cada agenciamento dos objetos parciais, todas as coisas produzidas sobre esse corpo têm a mesma fonte ontológica, que é a atuação do desejo como potência produtiva de configuração do real.

Quando se fala do corpo pleno “sobre ele tudo se inscreve” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 205), o sentido é que sobre a Terra tudo se produz através da síntese conectiva. Já a síntese disjuntiva advém da compreensão que, a partir da Terra, tudo que é produzido se diferencia dela, ou seja, não é mais a própria Terra, contudo, apesar de não ser a própria Terra, ainda assim está agarrada a ela, ligada pelo fio genealógico. O que é produzido não é ela própria, porque se torna um outro ente, um novo registro, uma nova denominação surge e que é, por si só, outra coisa diferente do corpo pleno. Essa inscrição produzida através da separação (disjunção) com o corpo sem órgãos formará um registro dentro de todo o processo de produção.

Portanto, primeiro se dá o corpo pleno da Terra que, ao mesmo tempo que possui um corpo sem órgãos, é também uma máquina desejante. Através de intensidades desejantes sobre este corpo, recortes territoriais são realizados e dão início à produção de novas máquinas desejantes que se distinguem umas das outras em suas configurações e atuações, concomitantemente, há a produção de registro, de identificação de tais máquinas, também processada de modo inconsciente, aquela que se separa e se torna uma máquina específica

registrada, essa máquina atua de forma “ou então é uma coisa, ou então é outra coisa”, produzindo a multiplicidade de realidades na realidade.

Acontece que não se registra a produção tal como ela se produz. Ou melhor, no movimento objetivo aparente, ela não se reproduz tal como ela se produzia no processo de constituição. É que, imperceptivelmente, passamos para um domínio da produção de registro, cuja lei não é a mesma que a da produção de produção. A lei desta era a síntese conectiva ou acoplamento. Mas quando as conexões produtivas passam das máquinas ao corpo sem órgãos (como do trabalho ao capital), dir-se-ia que elas são submetidas a uma outra lei, a que exprime uma distribuição em relação ao elemento não produtivo enquanto “pressuposto natural ou divino”. (Deleuze e Guattari, 2010 p. 24-25).

Através do processo de disjunção, ao invés de se conectar, as máquinas se separam em um movimento exclusivo de determinação específica de si, por exemplo: ou então você é de direita ou então é de esquerda, ou então você é burguês ou então você é proletário, ou então você é branco ou então você é negro, ou então você é homossexual ou então você é heterossexual, ou então você é homem ou então você é mulher etc. Questiona-se quais pressupostos foram responsáveis por esse registro, entendendo que o registro não é algo essencial e natural das máquinas, percebendo que as máquinas registradas não são fruto ontológico do registro mas, o registro que é fruto da produção desejante através da síntese disjuntiva. E assim as máquinas vão se diferenciando umas das outras, registrando-se e produzindo-se. O que tá posto aqui é que a energia *numen* responsável pelo registro não é essencial nas máquinas, essa energia que realiza o registro é algo contingente e que a ideia de que alguma máquina é essencialmente algo, é fruto de um tipo de organização maquinaica, ou seja, não é o registro que diz que alguém é preto ou branco, homem ou mulher etc, são as máquinas no processo produtivo que criam registros e os colam em si próprias de tal maneira que parece ser alguma decisão “divina” prévia.

#### **4.3. Síntese disjuntiva inclusiva. (Ou.. ou.. e depois)**

Ainda dentro da segunda síntese, os autores percebem que o modo de produção de registro exposto anteriormente, que aparentemente é o único modo de registro, um registro exclusivo, não fecha as possibilidades existenciais. Deleuze e Guattari identificam um outro tipo de síntese disjuntiva. A partir da percepção do comportamento esquizofrênico não autístico, percebe-se que o “presidente Schreber”<sup>3</sup> possibilita o real em sínteses disjuntivas inclusivas, ou seja, é dessa maneira que o delírio do esquizo oferece uma outra maneira de atuar no real, abrindo a possibilidade de disjunções inclusivas.

3

Personagem do livro *O Caso Schreber: Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranóia (dementia Paranoides) Descrito Autobiograficamente [o Caso Schreber]* de Sigmund Freud (2021), que em *O anti-édipo* Deleuze e Guattari utilizam como exemplo para analisar o comportamento esquizofrênico relatado por Freud. (Deleuze e Guattari, *O anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 28)

Sobre o corpo sem órgãos as máquinas se engancham como outros tantos pontos de disjunção entre os quais se tece toda uma rede de sínteses novas que quadriculam a superfície. O “ou... ou” esquizofrênico reveza com o “e depois”: considerando dois órgãos quaisquer, a maneira como estão enganchados no corpo sem órgãos deve ser tal que todas as sínteses disjuntivas entre os dois venham a dar no mesmo sobre a superfície deslizante. Enquanto o ‘ou então’ [como indicador de exclusão] pretende marcar escolhas decisivas entre termos não permutáveis (alternativa), o ‘ou’ [inclusivo] designa um sistema de permutações possíveis entre diferenças que sempre retornam ao mesmo, deslocando-se, deslizando. Por exemplo, a boca que fala, os pés que andam: “Acontecia-lhe parar sem dizer nada. Ou porque, afinal, nada tinha para dizer. Ou porque, embora tivesse algo para dizer, ele afinal renunciava a fazê-lo... Outros casos principais se apresentam ao espírito. Comunicação contínua imediata com recomeço imediato. A mesma coisa com recomeço retardado. Comunicação contínua retardada com recomeço imediato. A mesma coisa com recomeço retardado. Comunicação descontínua imediata com recomeço imediato. A mesma coisa com recomeço retardado. Comunicação descontínua retardada com recomeço imediato. A mesma coisa com recomeço retardado”. É assim que o esquizofrênico, possuidor do mais pobre e mais comovente capital, como as propriedades de Malone, escreve sobre o seu corpo a litania das disjunções e constrói para si um mundo de encenações em que a mais minúscula permutação deve responder à nova situação ou ao interpelante indiscreto. A síntese disjuntiva de registro vem, portanto, recobrir as sínteses conectivas de produção. Como processo de produção, o processo se prolonga em procedimento como procedimento de inscrição. Ou melhor, se denominarmos libido o ‘trabalho’ conectivo da produção desejante, devemos dizer que uma parte dessa energia se transforma em energia de inscrição disjuntiva (Numen). (Deleuze e Guattari, 2010, p. 25-26).

Cada objeto parcial, registrado a partir das sínteses disjuntivas inclusivas, é um objeto determinado e, ao mesmo tempo, um outro objeto. Por exemplo: uma pessoa de gênero fluido pode se identificar ora como travesti, ora como homem, ora como mulher, sem excluir, porém, nenhuma dessas possibilidades, sendo todas elas ao mesmo tempo. O que vai tornar possível esse devir de um estado a outro é a intensidade do desejo em atuação de cada uma dessas categorias. Outro exemplo é a dinâmica social mercadológica: a pessoa que vende um produto também está incluída na categoria de comprador de um outro ou um produto semelhante, sem deixar de ser um ou outro. Para Deleuze e Guattari, não há somente a possibilidade de exclusão categorial dentre as sínteses disjuntivas, sendo possível aplicar essa concepção de um uso disjuntivo e de um uso inclusivo a toda realidade, havendo a possibilidade dos dois tipos de disjunção. Essa concepção vem do entendimento de que não

há nada que esteja isolado, nada que não esteja em relação, nenhum registro que não se produza sobre um CsO, nada que não venha a ser ou venha a deixar de ser, nada fixo e imóvel, sendo todas as coisas compostas por intensidades de desejo.

Por mais que pareça haver somente imobilidade registrada socialmente através das sínteses disjuntivas exclusivas, isso é um equívoco, há também a fluidez (fluxo) das sínteses disjuntivas inclusivas. Portanto, uma vez que há desejo atuando nas máquinas, não há possibilidade de registro estático que permaneça invariável, por mais que se mantenha o mesmo registro, a definição pressuposta dele muda, por exemplo: o entendimento de trabalho que antes do período da *Covid-19*<sup>2</sup>, em sua maioria, eram realizados 100% presencialmente, mesmo os trabalhos que eram executados em computadores, que não demandam necessariamente a presença do funcionário na empresa. Durante o período de pandemia, esses trabalhos que eram realizados através de computadores, passaram a ser realizados remotamente da casa do funcionário. Hoje em dia, mesmo com o fim da pandemia, alguns trabalhos ainda são realizados remotamente. Ou seja, uma atividade que antes ou era presencial ou não era realizada, hoje em dia pode ser realizada presencialmente ou remotamente também. Passou-se de uma síntese disjuntiva exclusiva para uma síntese disjuntiva inclusiva, sem deixar de ser registrado como trabalho.

#### 4.4. Síntese conjuntiva ou produção de consumo.

“Conforme o sentido da palavra “processo”, o registro se assenta sobre a produção, mas a produção de registro, ela mesma, é produzida pela produção de produção. Do mesmo modo, o consumo sucede ao registro, mas a produção de consumo é produzida pela e na produção de registro. É que, na superfície de inscrição, algo da ordem de um sujeito se deixa assinalar.”. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 30).

Essa síntese é a responsável pelo consumo do produzido, abrindo horizonte para novas produções. É que a síntese conectiva produz, a disjuntiva organiza e registra e a conjuntiva consome a experiência e produz novas possibilidades. Um exemplo é: imagine um músico criando uma canção. Ocorre a produção em que o músico toca notas e experimenta sons (produção de produção). Registro, pelo qual as notas e sons são organizados em partituras e/ou gravações (produção de registro). Consumo, o público ouve a canção e a interpreta emocionalmente, produzindo novas ideias ou sentimentos (produção de

---

<sup>2</sup> Período de pandemia pela contaminação do vírus SARS-CoV-2, cuja principal forma de contágio era pelo ar, obrigou a população mundial a realizar isolamentos sociais e quarentenas.

consumo). O músico, como sujeito, é um efeito transitório do processo produtivo da música, pois o *status* de sujeito está invariavelmente atrelado ao processo de produção da música e vice-versa. Só haverá um sujeito após todo esse processo.

Vale lembrar que, por mais que pareça, os processos de produção, registro e consumo são não lineares e não possuem hierarquia na cadeia produtiva e são interdependentes da intensidade desejante. Dessa forma, o desejo é a potência criativa e o sujeito é mais uma peça dessa engrenagem, entre os elementos produtivos.

## 5. DESEJO

Para a compreensão do conceito de desejo proposto por Deleuze e Guattari, será necessário abandonar a concepção de desejo como foi compreendido e exposto tanto por Platão com o conceito de “*eros*” (Platão, 2017)<sup>3</sup> quanto por Arthur Schopenhauer com o conceito de *Vontade* (2005)<sup>4</sup> e por Jacques Lacan com o seu conceito de *desejo* (Lacan, 1998)<sup>5</sup>.

O modo de compreender o desejo somente como um “querer”, uma vontade pessoal, subjetiva, proveniente de uma falta primordial, faz desse desejo/vontade um desejo carente, a famosa frase “tenho desejo de...”. Essa simples frase representa a estrutura central da existência do conceito de desejo/vontade presente em Platão, Schopenhauer e Lacan.

O *eros* platônico que se apresenta como um *daimon* segundo Diotima em *O banquete* (Platão, 2017, 201e-209e, n.p.) e que possui uma natureza oscilante herdada de seus pais, *Poros* e *Penia*, cuja lei de funcionamento é: sente falta de algo, se move em direção ao objeto de desejo, conquista-o, uma vez conquistado, o objeto já não o falta mais, logo não há mais desejo sobre esse objeto (a não ser que haja a possibilidade de perdê-lo novamente), em seguida sente falta de um outro objeto e põem-se em direção à conquista desse outro objeto. A justificativa de Diotima, em *O banquete*, para *eros* não ser um deus é justamente sua imperfeição, sua carência estética do *belo* e sua imperfeição em relação ao que é *bom*, pois, para Diotima, os deuses não possuem carência, são perfeitos, são *bons* e *belos*. Nesse diálogo com Sócrates, Diotima diz: “- Mas no entanto, o Amor<sup>6</sup>, tu reconheceste que, por carência do

3 Ver *O banquete* de Platão (2017), onde se encontra a definição e a natureza de *eros*, assim como seu mito fundador e a natureza de seus pais, *Poros* e *Pênia*.

4 Ver *O mundo como Vontade e representação* (2011), onde será desenvolvido o conceito de *Vontade* como uma força ontológica insaciável que rumo em direção ao que lhe falta.

5 Ver *O Seminário VI: O desejo e sua interpretação*, onde Lacan apresenta a definição de *desejo* como possuidor de um objetivo de retorno à completude do gozo primordial.

6 Em *O banquete* (Platão, 2017), edição brasileira, o conceito de *eros* é traduzido com a palavra “amor”.

que é bom e do que é belo, deseja isso mesmo de que é carente.” e Sócrates responde: “- Reconheci, com efeito.” (Platão, 2017). Então, vemos aqui uma ausência primordial em relação ao movimento desejante de *eros*.

Em Schopenhauer, a *vontade*, força ontológica, imanente, cega e incessante, se locomove em direção à realização de si mesma, assim, possui a falta de finalidade, pois nunca cessa, nunca está satisfeita, nunca está completa. A imagem mental que o autor traz para representar a *vontade* e sua natureza é o movimento de um pêndulo. Nas palavras de Schopenhauer:

Querer, esforçar-se, eis todo o seu ser: é como uma sede inextinguível. Ora, todo querer tem como princípio uma necessidade, uma falta, portanto, uma dor: é por natureza, necessariamente, que eles devem tornar-se a presa da dor. Mas se a vontade chegar a ter falta de objeto, se uma pronta satisfação lhe vier roubar todo motivo para desejar, ei-los caídos num vazio terrível, no aborrecimento: a sua natureza, a sua existência pesa-lhes com um peso intolerável. Portanto, a vida oscila, como um pêndulo, da direita para a esquerda, do sofrimento para o aborrecimento: estes são os dois elementos de que ela é feita, em suma. (Schopenhauer, 2011, p. 378).

Sendo assim, a *vontade* é uma força que anima tudo, e que tem como metáfora motriz do funcionamento um pêndulo que oscila entre a ânsia de não possuir e o tédio de possuir o objeto desejado, por exemplo: uma vez, você já quis muito uma coisa e quando obteve essa coisa, o interesse que sentia por ela, antes de obtê-la, já não era mais o mesmo, até o momento de que se perde todo o interesse e não se deseja mais aquilo que se tem, passando assim, a desejar uma outra coisa, algo que ainda não tem. Digo aqui em relação à obtenção de objetos para facilitar a compreensão, mas a *vontade* se aplica a qualquer coisa disposta na realidade. Uma estrela brilha hoje, por conta de uma disposição atômica que antes não existia, e hoje que brilha, chegará o momento que não brilhará mais, segundo Schopenhauer esse momento chegará primeiramente, não por causa de uma autoconsumação energética das estrelas, mas sim porque brilhar já não lhe falta mais. Isso serve para saúde, só queremos ser saudáveis quando não somos. Isso serve para a experiência universal, a *vontade* atuando em direção ao que lhe falta.

O *desejo* lacaniano, responsável pela formação subjetiva de um humano, projeta-se em cima de objetos dispostos ao seu mundo de sentido como demanda, a fim de sublimar a pulsão, numa tentativa de reencontrar o objetivo de completude no ente demandado. Um retorno, impossível, ao gozo primordial, que é o que lhe falta, sendo assim, o desejo lacaniano também encontra-se na mesma chave da falta como seu motor.

O Ding como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, e em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. E sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação ao quê? - ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a quê? - a nada mais do que a referenciar, em relação a esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding*. Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas - evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (Lacan, Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/lacan-o-seminario-livro-7.pdf>. Acessado em: 05/02/2025, p. 67 - 68).

Nesse sentido, para Lacan, existe uma Coisa “*Das Ding*” que é precursor ao grande “Outro” (aquele que lhe introduz no mundo da linguagem) que foi perdido no princípio da formação subjetiva dos seres humanos, quando o bebê é introduzido no mundo da linguagem. Essa “Coisa” perdida é o gozo primordial, algo perdido e inatingível que o sujeito busca recuperar (Lacan 1959-1960, *idem*). Essa Coisa, que falta ao sujeito, é o que motiva toda projeção fantasmática de desejo sobre os objetos dispostos na realidade, por isso o desejo psicanalítico lacaniano não cessa, pois esse fantasma vai se projetando em cima de outros objetos que, quando obtidos, o fantasma do objeto da “Coisa”, migra para outro objeto. Nesse sentido, a falta da “Coisa” é o que produz o desejo, segundo Lacan.

Então, o que seria o *desejo/vontade* para esses autores citados? O desejo não seria nada além de um subproduto de uma falta ontológica incessante que motiva o movimento dos corpos.

Deleuze e Guattari compreendem que o principal motivo dos autores citados acima identificarem a falta como produtora do desejo seria não terem percebido que ao desejo nada falta e que, em última análise, a própria falta seria um subproduto do desejo, identificando o desejo como uma potência criativa, produtiva e afirmativa. Ele opera ao conectar, separar e classificar, consumir, produzir e reproduzir elementos, criar fluxos e cortes, gerar novas realidades, tudo isso sobre o CsO. Não se origina de uma ausência ou de algo que falta, mas é o próprio impulso constante de transformar e produzir.

Desejar é sempre estar transbordado pela energia desejanante que, ao romper o limiar de onde se acumula, produz, não há nesse processo absolutamente nenhuma falta. Logo, o desejo não é movido por nada, ele é o motor de tudo.

Desejo: quem, a não ser os padres, gostaria de chamar isso [107] de “falta”? Nietzsche o chamava Vontade de potência. Podemos chamá-lo de outro modo. Por exemplo, graça. Desejar não é de modo algum uma coisa fácil, mas

justamente porque ele dá, em vez de faltar, “virtude que dá”. (Deleuze e Parnet, 1998, p. 73)

E nas palavras de Nietzsche:

A questão, por fim, é se reconhecemos efetivamente a vontade como efetiva, se acreditamos na causalidade da vontade: se o fizermos – e, no fundo, a crença nisso é justamente nossa crença na própria causalidade –, então temos de fazer a experiência de estabelecer hipoteticamente a causalidade volitiva como sendo a única. (...) e obteria com isso o direito de definir inequivocamente toda força atuante como: vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e classificado no seu “caráter inteligível” – ele seria precisamente “vontade de poder” e nada além disso. (Nietzsche. Além do bem e do mal. Aforismo 3.).

Assim, como a vontade de poder nietzschiana, o desejo se efetua na afirmação e na produção de realidade, não há falta motivadora do desejo como entendeu a tradição platônica, schopenhaueriana e até mesmo a psicanalítica. Deleuze e Guattari, seguindo Nietzsche, postulam o desejo como força ontológica, um transbordo de potência criativa que inunda as máquinas desejanças, que recortam, registram e moldam a realidade no corpo sem órgãos, na qual, a própria ideia de falta é produzida pelo desejo. CsO, local esse, onde o próprio desejo vai se engendrar, fluindo e cortando, dando contorno a esse estado de intensidade, criando zonas, demarcando as fronteiras, expandindo os limites, reduzindo as latitudes, longitudes e profundidades ou realizando o completo contrário.

O que acontece é que o desejo, por si só, é uma potência, mas só faz sentido pensar o desejo situando-o em relação a algo, atuando não só de dentro para fora, mas também de fora para dentro, impulsionando, movendo, criando ou transformando, é assim que o desejo instala o movimento de produção de realidades.

Quando uma mulher diz: desejo um vestido, desejo tal vestido, tal *chemisier*, é evidente que não deseja tal vestido em abstrato. Ela o deseja em um contexto de vida dela, que ela vai organizar o desejo em relação não apenas com uma paisagem, mas com pessoas que são suas amigas, ou que não são suas amigas, com sua profissão, etc. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto (...) O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. (DELEUZE e PARNET. Abecedário. Disponível em: <https://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-becedrio-de.html>. Acesso em: 05/11/2024, p.15).

O desejo então, como diz Deleuze, está sempre em relação, não existe um objeto sozinho ou estável na realidade, todos os objetos que a compõem, somente são algo em relação e em combinação com outra coisa. O mundo é construído através dessas combinações, movido pelo desejo que permeia todas as máquinas. Então, uma pedra é a

combinação de vários outros elementos dispostos em uma certa configuração que, caso a configuração se altere, o resultado final também se altera. Colocamos como exemplo a “pedra”, mas se pode colocar a famosa comparação genômica entre seres humanos e chimpanzés ou bonobos que compartilham com os humanos aproximadamente 99% de seu material genético<sup>7</sup>. Segundo Deleuze e Guattari, o que diferencia um do outro é a atuação combinatória realizada pela potência desejante nos acoplamentos de suas máquinas genéticas.

A combinação das máquinas chama-se agenciamento. Portanto, um agenciamento é a formação mínima do real, e se dá através da conexão e/ou disjunção das máquinas. Nesse sentido, o desejo seria o processo motriz construtivista da realidade, que se encarrega de agenciar objetos parciais. Só existem objetos parciais, pois todos os objetos não possuem completude (completude entendido como um estado que não permite transformação) e, com isso, esses objetos parciais estão à disposição do devir, sendo atravessados pelo desejo para se tornarem outros objetos. Contudo, o termo “parcial”, empregado à designação dos objetos, não contém o sentido de ser incompleto, mas sim o sentido de um objeto ser incapaz de se manter plenamente seu atual, uma vez que é atravessado pelo desejo e não possui a possibilidade de não entrar em devir seja em forma de conexão, conjunção, ou disjunção exclusiva ou inclusiva, por conta do CsO que margeia toda máquina. A parcialidade dos objetos significa que os objetos, ao mesmo tempo que são únicos, singulares e completos no que são, ainda assim possuem a possibilidade de transformação, de devir e atuar de uma outra forma, por isso são parciais.

## 6. CONCLUSÃO

Para fechar a compreensão dos modos de configurações da realidade desejante:

O primeiro modo remete à síntese conectiva, e mobiliza a libido como energia de extração. O segundo, à síntese disjuntiva, e mobiliza o Numen como energia de desligamento. O terceiro, à síntese conjuntiva, e a Voluptas como energia residual. É sob estes três aspectos que o processo de produção desejante é simultaneamente produção de produção, produção de registro, produção de consumo. Extrair, desligar, ‘restar’, tudo isto é produzir, é efetuar as operações reais do desejo. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 61).

---

7 GARCIA, E.S. “Genômica comparada” In: *Genes: fatos e fantasias*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, pp. 51-63. ISBN: 978-65-5708- 102-0. <https://doi.org/10.7476/9786557081020.0004>.

Com isso, monta-se a cadeia de produção de realidade. Contudo, ainda há uma indagação a se fazer. Se estamos falando de ontologia e que tudo deveio da potência conceituada aqui como desejo, se estaria em pé de igualdade falar que tudo deveio de um deus primordial qualquer. Deleuze e Guattari criticam essa ideia de uma causa primeira que teria produzido todas as coisas.

(...) a regressão infinita forçava-nos a postular um primado do pai, mas um primado sempre relativo e hipotético que nos levava ao infinito, a não ser que saltássemos, afirmando um pai absolutamente primeiro; mas é claro que o ponto de vista da regressão é o fruto de uma abstração. (Deleuze e Guattari, 2010, p. 363).

A suposição da existência de uma causa primeira não faz sentido para os autores, pois até mesmo o entendimento causal da realidade é fruto de um agenciamento em rede do próprio desejo, é uma percepção do real produzida também pelo desejo. No entanto, a concepção ontológica proposta por Deleuze e Guattari não está sendo posto como um entendimento de um Ser cosmogônico (um princípio da realidade) mas sim como *arché*, e nesse sentido a investigação se dá no âmbito da pergunta: o que há em comum em toda a realidade e que não seria possível pensar a mesma sem essa tal coisa? A resposta para essa pergunta é o desejo.

Recapitulando o mapa conceitual de como se dá a realidade, teremos o seguinte esquema: a realidade é um conjunto de realidades múltiplas de máquinas em agenciamentos. As máquinas desejanter (técnicas, sociais, paranóicas etc.) são os objetos parciais que compõem a realidade, cada máquina possui fluxos (materiais, energéticos, libidinais, significantes, econômicos, sociais), esses fluxos são cortados por outras máquinas. Esse movimento é impulsionado através da potência do desejo na forma das sínteses passivas (conectivas, conjuntivas, disjuntivas exclusivas e disjuntivas inclusivas). Essa dinâmica só é possível sobre um corpo sem órgãos (CsO), entendido aqui como a margem de possibilidade de devir sem determinação prévia (intensidade igual a 0), a pura condição de possibilidade do vir-a-ser. O desejo atua sobre as máquinas através das sínteses passivas, produzindo e configurando a realidade sobre o CsO a partir de sua intensidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **O anti-édipo. Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs C**. São Paulo: Editora 34., 2022.

DELEUZE, G. e PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Coletivo Bando, 1998.

\_\_\_\_\_. **Abecedário**. Disponível em: <https://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedrio-de.html>. Acesso em: 05/11/2024.

Zourabichvili, François. **O vocabulário de Deleuze**. Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2004.

NIETZSCHE, F. **VONTADE DE POTÊNCIA**. Disponível em: <https://aletp.com.br/21-livros-de-nietzsche-para-baixar-em-pdf/>. Acesso em: 05/11/2024.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução: São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SHCOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Disponível em: [https://www.academia.edu/95742026/O\\_Mundo\\_como\\_Vontade\\_e\\_Representacao\\_Schopenhauer](https://www.academia.edu/95742026/O_Mundo_como_Vontade_e_Representacao_Schopenhauer). Acesso em 23/12/2024

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Disponível em: <https://edsonsoaresmartins1973.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/vocabulc3a1riocontemporc3a2neo-de-psicanc3a1lise-zimmerman.pdf>. Acesso em: 23/12/2024.

LACAN, Jacques. **O Seminário XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Trad. Maria José de Carvalho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário V: As Formações do Inconsciente**. Trad. Sérgio de Sousa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

